

CARTÕES QR MARAMBAIA

FABRÍCIO MARCON¹
DUDA GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas - fabrimarcon@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - dudagon@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente redação trata-se de uma reflexão sobre algumas questões que envolveram a realização de um trabalho artístico que integra a minha pesquisa de mestrado e foi realizado para a disciplina Paisagens Cotidianas e Dispositivos de Compartilhamento do Curso de Mestrado em Artes Visuais, ministrada pela professora Duda Gonçalves. Como introdução do presente resumo gostaria de definir, primeiramente, cada uma das três palavras que formam o título desta pesquisa. Para “cartões” entenda-se cartões de visita, onde a frente do cartão será uma fotografia de minha autoria realizada na região da Marambaia. Para QR, entenda-se a sigla para *Quick Response*, que são códigos bidimensionais criados pelo japonês Masahiro Hara em 1996 e que hoje em dia está em larga utilização. Este código é interpretado por um aplicativo de celular que, a partir da leitura do código, pode realizar algumas tarefas tais como acessar um link na internet, realizar uma chamada telefônica, enviar um e-mail, enviar uma mensagem etc. Atualmente ele é amplamente utilizado em publicidade, como em latas de refrigerante, matérias em revistas, folders e informativos impressos dos mais variados tipos para que seus usuários possam acessar mais informações dentro do meio virtual. Marambaia é o nome de um espaço ermo à beira do canal São Gonçalo, pertencente ao município de Rio Grande, que é avistada a partir da margem do porto de Pelotas, onde segundo relatos uma vez existiam muitos pescadores e hoje não há mais pela escassez de peixes. Portanto é um espaço liso em contraposição ao espaço estriado da cidade (GUATTARI), onde foi realizada uma deambulação exploratória para experimentar o lugar e fotografar como forma de registro da visão.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi idealizado no dia em que a proposta da aula era a de realizar uma deriva, ou seja, um caminhar sem rumo admirando a paisagem com um olhar atento à geografia e aos elementos desse lugar. A deriva é um termo cunhado pelo movimento Internacional Situacionista, surgido na década de 1950 na França. O movimento tinha um forte apelo político, e dentre outras atividades, eles propunham a criação de situações. Portanto a situação criada na aula era a proposição da deriva na Marambaia, juntamente com os colegas que participavam da disciplina

ministrada por Gonçalves. A professora nos avisou anteriormente que levássemos para essa deriva materiais para o registro, a fim de elaborar posteriormente um dispositivo de compartilhamento com os registros coletados. Eu decidi levar minha câmera de fotografia e minha pequena câmera de filmagem. Após a reunião de toda a turma em frente à faculdade, cada um entrou em um carro e partiu. Eu fui com minha moto seguindo a caravana. Como precisei passar no posto de gasolina para abastecer, acabei me distanciando do pessoal que ia mais à frente. Por não conhecer o caminho para a Marambaia, ao passar a ponte de Rio Grande e chegar no primeiro retorno -- que era o retorno que eu sabia que deveria utilizar, mas não sabia como proceder a partir dali -- liguei para um colega que me explicou como chegar lá. Nesse momento acoplei a câmera de vídeo no capacete e registrei todo o percurso, do primeiro retorno da BR até a chegada no local. Posteriormente este vídeo foi editado, aumentada a sua velocidade e postado no youtube. Ao chegar no local, a proposta era realizar uma caminhada para experimentar o lugar e realizar registros da experiência com a paisagem e com o lugar, cuja técnica escolhida foi a fotografia. No lugar havia casas em ruínas, árvores e vegetações na beira do canal, um cachorro, uma tartaruga, uma trilha que percorria ao longo da margem e as pessoas que faziam parte do grupo. O registro das fotos foi feito intuitivamente, apontando a câmera para enquadrar esses elementos utilizando a técnica da fotografia a favor da arte e da criação de imagens interessantes. Em um momento posterior, realizei a seleção de oito fotografias para compor a frente dos cartões. Tendo o vídeo pronto compartilhado na internet e em posse do link, utilizei um site específico para, com o link, gerar o *QR code*, o qual inseri no verso de todos os cartões. Essa decisão foi pensada para que o dispositivo pudesse abranger mais do que a fotografia, para que ele pudesse conter também o vídeo de como chegar até a Marambaia, utilizando a passagem do código gráfico impresso no cartão para o link do vídeo na internet.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência da Marambaia apresenta uma visão espelhada da realidade observada cotidianamente do lado de Pelotas. O que me parecia tão próximo pelo alcance da vista mas tão distante pela inacessibilidade além rio, agora era o meu presente, era o meu espaço visitado, o cotidiano revisitado, o meu corpo na paisagem observada. Agora, de lá, a paisagem que eu observava era o lugar comum que eu sempre estive. Era como enxergar o meu espaço habitual com um olhar distante, era como enxergar a paisagem de um espaço de mim que de outra forma, sem esse distanciamento, não seria possível.

Atualmente observamos o ritmo acelerado que as pessoas na cidade, com seus compromissos e seus trabalhos de até oito horas diárias, precisam manter para realizar todas as tarefas conferidas ao ser humano do século XXI. Percebo em colegas de trabalho e algumas pessoas que conheci, que esse ritmo causa

transtornos e até mesmo problemas de saúde para quem vive dessa forma e não deixa margem para o lúdico, para a percepção do espaço e para o caminhar sem rumo. A proposição de caminhar sem compromisso com intuito de observar e ser perpassado pela experiência da caminhada é parte integrante de meus estudos e o trabalho artístico nasce desse desvio. Sobre esta maneira de praticar a cidade, tem como pressuposto as deambulações Dadaístas, que se baseia no caminhar com uma atitude de “estranhamento do que é banal e cotidiano” (Jacques, 2012) e com a prática de deixar-se perder na cidade. O desvio e a deriva são métodos da Internacional Situacionista. No que tange o desvio, a escolha de apontar um lugar diferente do habitual é experimentar o *détournement* situacionista. A deriva, que também se aplica na ação de caminhar pela cidade, pressupõe um esquema previamente estipulado, um mapa com pontos definidos a ser percorrido com o objetivo de jogar o jogo do caminhar pela cidade e praticar a estética proveniente desse jogo. Sobre a deriva, Careri explica o que Guy Debord escreveu em *Introduction à une critique de la géographie urbaine*.

A *dérive* é uma operação construída que aceita o destino, mas não se funda nele; antes tem algumas regras: estabelecer, antecipadamente, com base em cartografias psicogeográficas, as direções de penetração da unidade ambiental a ser analisada;

No presente trabalho temos como “unidade ambiental a ser analisada” um lugar bem específico e poético, que é a Marambaia. As regras definidas eram a de percorrer ao longo da margem do canal e estabelecer contato com a natureza, com os objetos e construções antigas que encontramos ao longo do caminho.

4. CONCLUSÕES

A arte, segundo os dadaístas, estava sacralizada e confinada aos ambientes internos, às vernissages e galerias, no início do século XX. Era preciso uma renovação do lugar da arte, era preciso derivar para ressignificar como prática estética o ato de caminhar. Na experiência de deambulação dos surrealistas, nas derivas dadaístas e situacionistas, percebo modelos de ações que hoje me servem como métodos e técnicas a serem revisitadas em minhas criações. Os cartões QR Marambaia são dispositivos compartilháveis transmidiáticos do rastro de minha deriva, que reúne fotografia, cartão de visita e vídeo. Com eles faço uso de poéticas que reforçam o caminhar como prática estética e o uso de tecnologias para fazer circular um ponto de vista que tende a ser multiplicado. Aponto, dessa forma, o rumo de minhas próximas investidas dentro do campo das intervenções urbanas, criações de mapas poéticos e releituras do cotidiano com o uso da fotografia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, F. **Walkscapes - O caminhar como prática estética**. São Paulo: G.Gili, 2002.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

DEBORD G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

PARENTE, A. **Imagem-máquina - A era das tecnologias do virtual**. São Paulo: Editora 34, 2011.